

Petrobras Day

1º de dezembro de 2022

Carla Albano:

Bom dia a todos. Bem-vindos ao Petrobras Day Virtual de 2022. Hoje teremos a oportunidade de assistir apresentações e participar em discussões com a nossa alta administração sobre o nosso novo Plano Estratégico para o período de 2023 até 2027.

Gostaríamos de informar que todos os participantes acompanharão a transmissão pela internet como ouvintes. Depois da nossa introdução e apresentações, teremos uma sessão de perguntas e respostas. Vocês podem enviar suas perguntas pelo e-mail: petroinvest@petrobras.com.br.

Estão presentes hoje conosco: Claudio Mastella, Diretor Executivo de Comercialização e Logística; Fernando Borges, Diretor Executivo de Exploração e Produção; João Henrique Rittershausen, Diretor Executivo de Desenvolvimento da Produção; Rafael Chaves, Diretor Executivo de Relacionamento Institucional e Sustentabilidade; Rodrigo Araújo, Diretor Executivo Financeiro e de Relacionamento com Investidores; Rodrigo Costa, Diretor Executivo de Refino e Gás Natural; e Salvador Dahan, Diretor Executivo de Governança e Conformidade.

Informamos que a apresentação foi arquivada ontem, e está disponível no nosso site de relações com investidores. E para iniciar, eu passo a palavra ao Rodrigo Araújo. Por favor, Rodrigo. Pode começar.

Rodrigo Araújo:

Obrigado, Carla. Bom dia a todos. É um prazer estar aqui com vocês hoje para apresentar o nosso Plano Estratégico 2023-2027. O grande recado e a visão geral do nosso plano é a continuidade. É um plano que traz mais um *flash* de um filme que tem sido a grande fortaleza da Petrobras, de conseguir entregar essa história tão importante de virada corporativa e de entrega do compromisso que nós viemos assumindo no planejamento estratégico ao longo do tempo.

Acho que os últimos anos têm sido uma prova importante disso e esse plano reflete mais uma vez um compromisso bastante responsável, que nós assumimos com investimentos e com uma geração de valor que nós entendemos ser bastante capaz de entregar no horizonte do plano.

Em relação aos principais destaques do plano. Obviamente, um plano que tem a solidez financeira preservada, a Companhia com uma estrutura de capital bastante robusta já há algum tempo que nós atingimos o nosso endividamento alvo e vimos trabalhando ao redor do nosso endividamento alvo.

Nós mantemos o nosso compromisso com projetos de dupla resiliência, ou seja, projetos de baixo custo e baixa emissão de carbono e, ao mesmo tempo, uma capacidade

importante de atuar nesse novo contexto, em que a segurança energética se torna cada vez mais um fator fundamental. E a Petrobras como um ator altamente competitivo, não só no mercado brasileiro, mas para o mercado global de óleo e gás, ela consegue ter um papel importante nessa agenda de segurança energética.

O nosso plano, muito focado na geração de valor, ou seja, geração de valor e distribuição do valor gerado, seguem sendo pilares importantes do planejamento estratégico. O nosso foco de investimento continua sendo no desenvolvimento dos ativos em que nós temos substanciais vantagens competitivas, ativos em águas profundas e ultraprofundas.

O nosso refino, que após o nosso compromisso com o CADE, nós temos expectativa de manter, que é um refino no Sudeste com muita qualidade, com investimentos em modernização e aumento da qualidade dos produtos, aumento da geração de novos produtos com baixa pegada de carbono.

E também nós trazemos uma mensagem importante nesse novo planejamento estratégico, dando mais um passo no caminho que nós desenvolvemos de descarbonização, aumentando de maneira relevante os nossos investimentos em descarbonizar as nossas operações, ou seja, os nossos investimentos em redução de emissões escopo 1 e escopo 2.

E também, dando mais um passo importante, algumas sinalizações que nós trazemos hoje para vocês do que nós entendemos como os melhores caminhos em termos de diversificação rentável, nós já falamos isso há algum tempo, que nós estamos buscando desenhar quais são as capacidades que a Petrobras tem e onde a Petrobras pode ter vantagens competitivas para atuar no futuro. Nós damos mais um passo nesse sentido.

Em termos de métricas de topo, como eu falei, acho que nós prezamos bastante pela consistência e pela capacidade de execução ao longo do tempo. Então, as métricas de topo seguem sendo as mesmas métricas de topo, tanto no sentido de redução de emissões.

E nós já há algum tempo temos, não só a remuneração variável atrelada a emissões, mas também assumimos recentemente compromissos financeiros externos com financiamento atrelado a emissões, então a busca por menores emissões é uma parte fundamental também do nosso planejamento estratégico.

O nosso volume vazado segue uma importante métrica de topo, a nossa taxa de acidentes registráveis, lembrando sempre que a segurança é um valor inegociável para a Petrobras, então, nós temos uma ambição importante de zero fatalidades, estamos continuamente nos desafiando a ter operações cada vez mais seguras.

Nós também temos a nossa ambição de zero vazamento com uma responsabilidade importante com as nossas operações e, finalmente, a nossa grande métrica de topo em termos de geração de valor, mantendo, como nós trouxemos no último planejamento estratégico, a geração de valor atrelada à manutenção da alavancagem da Companhia de maneira controlada. Então, nós seguimos em uma pegada muito forte de criação de valor e distribuição do valor gerado.

Em termos do nosso posicionamento ASG, nós vamos, obviamente, detalhar mais cada um desses aspectos. Mas é importante olhar de uma maneira integrada a nossa busca por reduzir a pegada de carbono, o nosso compromisso em proteção do meio ambiente, o cuidado com as pessoas, ou seja, uma atuação de responsabilidade social corporativa muito forte.

E também o nosso foco em governança, uma governança que, junto com todo o trabalho que foi feito de melhoria financeira da Companhia, foi substancialmente aprimorada ao longo do tempo, ou seja, uma governança cada vez mais sólida e voltada para que a Companhia consiga atingir os seus objetivos estratégicos tendo a governança como um pilar fundamental do atingimento desses objetivos.

E, obviamente, o nosso foco é entregar resultados sustentáveis em uma sociedade em transição, atuando sempre com responsabilidade social, ambiental, segurança, integridade e transparência. E aí eu passo para o Rafael, para detalhar um pouco a nossa estratégia ambiental e social. Obrigado.

Rafael Chaves:

Aqui na parte ambiental e social, acho que nós temos metas de longo prazo, mas o longo prazo começa com os primeiros passos. Então, acho importante destacar algumas conquistas já consolidadas aqui na Petrobras.

Nós temos um programa de descarbonização incentivado, a remuneração variável dos nossos colaboradores. Todo colaborador recebe mais salário se emite menos, recebe menos salário se emite mais. Temos um produto de juros que foi anunciado esse ano, um crédito, que se a Petrobras descarbonizar de uma forma mais acelerada, vai pagar uma menor taxa de juros, vai ter um desconto na taxa de juros. Então temos a descarbonização incentivada.

Temos um fundo dedicado de descarbonização, ele mais do que dobrou do ano passado para este ano, para aprovar projetos para o uso desse fundo nós temos um preço interno de carbono, um cenário central de risco. No longo prazo, esse preço foi reajustado de US\$50 por tonelada para US\$90 por tonelada. Então, mostrando que nós estamos criando incentivos para ter mais projetos e acelerar a descarbonização da nossa operação.

E caso nós tenhamos dificuldade de entregar aquilo que nós estamos nos comprometendo, nós temos uma reserva de orçamento para compra de crédito de carbono como uma ferramenta complementar. Então, essa administração é muito comprometida em anunciar investimentos e entregas desafiadoras e depois entregá-las, que sejam de fato entregues. Então, é nesse sentido que vem a possibilidade de uso do crédito de carbono.

Na parte social, a principal contribuição da Petrobras é o retorno à sociedade, através de imposto, tributo e dividendos, R\$286 bilhões até 2022, recolhidos nessa forma, não tem forma melhor de devolver o dinheiro para a sociedade. Temos um *matchfunding* anunciado durante a COP 27, onde a Petrobras vai estimular, junto com o BNDES, projetos que preservem os manguezais. Os manguezais têm a capacidade de capturar de duas a cinco vezes mais carbono do que a floresta.

Então não é um valor financeiramente muito significativo, mas aqui, o gargalo é ter os projetos, é ter a capacitação com parceria com terceiros para fazer. Então, nós preferimos anunciar um investimento que seja bem factível de ser realizado com base na boa técnica.

Temos as iniciativas já de biodiesel, o diesel R, que é o diesel renovável da Petrobras, já foi comercializado com centenas de toneladas de carbono evitados na atmosfera. Isso está alinhado com os compromissos de médio e longo prazo, ambição de *Net Zero* na operação.

Destacar aqui também na descarbonização, a manutenção dos indicadores de 15 quilos de CO₂ equivalente por barril de óleo produzido e 0,29 de tonelada de metano, que nós já estamos bem posicionados. E o refino com um desafio que já vem entregando de forma decrescente até chegar a 30 quilos de CO₂ equivalente em 2030.

Na parte Sociedade, nós temos aumentado os nossos compromissos com relação a direitos humanos, 100% das operações, e mantendo a geração de valor para conseguir reverter para a sociedade. Quando nós temos lucro, nós podemos discutir como dividir esse lucro com todos os *stakeholders*.

A ambição do biorrefino, uma planta dedicada de BioQAV, que foi anunciada, o Diretor Rodrigo vai detalhar um pouco mais. E na parte de meio ambiente, vou destacar o compromisso de reduzir em 40% a captação de água doce, em até 30% os resíduos sólidos de processo.

Bom, aqui, um destaque dos valores, o US\$4,4 bilhões de dólares, 6% do CAPEX total, em relação ao plano anterior o patamar era 4%. Então, teve um aumento em termos relativos e teve um aumento absoluto maior, porque o nosso CAPEX, como vocês sabem, aumentou do plano anterior para esse plano.

Aqui no centro o CAPEX da planta dedicada de biorrefino. À direita, o CAPEX de P&D para novas alternativas de diversificação rentável. E na esquerda, o CAPEX para descarbonização das operações, detalhando os 4,4 bilhões.

No nosso posicionamento de negócio, que nós vimos repetindo de forma consistente, entregar um óleo de baixo carbono duplamente resiliente, com baixo custo e baixa emissão. Em qualquer cenário de transição energética, lá em 2050 vai ter barril de petróleo sendo consumido e a Petrobras estará entregando o barril com uma pegada de carbono bastante reduzida. Então isso é bom para a sustentabilidade.

Se nós deixamos de fazer um barril no pré-sal, por exemplo, e passa a fazer um barril na média mundo de emissão, nós aumentamos em 70% a emissão. Então é bom que a Petrobras entregue o barril de petróleo duplamente resiliente em longo prazo.

O gás como viabilizador da matriz elétrica brasileira. É a matriz elétrica que a Europa quer ter daqui a 30, 40 anos, nós já temos hoje, com alto conteúdo renovado e o gás garante a segurança energética, a entrega do gás associado e gás também importado. O time de gás e energia da Petrobras garante a segurança da matriz elétrica brasileira.

O biorrefino vai ser destacado mais à frente, mas a planta dedicada com querosene de aviação e diesel com base em conteúdo renovável. A nossa ação em florestas, que é a tecnologia mais antiga e mais eficiente de captura de carbono. E, por último, P&D buscando soluções de baixo carbono, seja diversificando o negócio, seja descarbonizando a operação.

Então, aqui na pasta diversificação rentável. Primeiro, a continuidade do investimento em energia renovável. A Petrobras já investe em energia renovável no seu negócio, a planta dedicada de biorrefino é esse exemplo, o diesel renovável é esse exemplo. E do lado esquerdo, três alternativas que nós vamos aprofundar. No plano anterior, vocês lembram, nós havíamos destacado uma série de possibilidades, nuclear, mineração submarina, e nós fechamos agora em três segmentos para aprofundar esses estudos.

Aqui no centro, o hidrogênio, que pode ser o hidrogênio cinza, que é derivado, principalmente do gás natural, se houver a captura do carbono, CO₂ equivalente gerado

nessa produção de hidrogênio, se houver a captura de carbono, ele passa a ser o hidrogênio azul, que é o hidrogênio que tem mais valor.

E à esquerda, se esse hidrogênio for gerado 100% com energia renovável, ele é o hidrogênio verde. Então nós apostamos no hidrogênio como uma possibilidade de energia limpa e comercializável que pode ser negociada com alto valor agregado.

Captura de carbono, eólica e offshore também podem ser modelo de negócios que eventualmente sejam implementados sem estar necessariamente associados a hidrogênio. Essas três frentes foram selecionadas para que nós aprofundássemos os estudos.

Hoje não temos um CAPEX dedicado a nenhuma das três, porque nós só vamos anunciar o CAPEX quando tivermos bastante maturidade em termos de projeto e entender que é factível, que vai entregar valor e que vai entregar sustentabilidade em todos os seus aspectos: sustentabilidade econômica e sustentabilidade climática. Então, vamos aprofundar o estudo nessas três frentes.

Obrigado. Passo a palavra para o Diretor de Governança e Conformidade, Salvador Dahan.

Salvador Dahan:

Bom dia a todos, seguindo o nosso capítulo ASG, eu quero dar um destaque para a parte de governança do nosso plano estratégico, entendendo que o nosso modelo é de consolidar a cultura de integridade como parte do nosso DNA ao que já vem sendo feito ao longo de alguns anos, de maneira a garantir que as pessoas, a nossa estrutura, tome as melhores decisões, aja da maneira correta em todos os momentos.

Da mesma maneira, o compromisso com a transparência, um dos pilares do nosso plano, respeitando todos os nossos *stakeholders*, dando a devida visibilidade para os mercados e para os nossos acionistas.

Ainda, como parte da nossa estratégia, entendemos que essa lição não deve se restringir aos nossos empregados, aos muros da Petrobras, pelo contrário, devemos contribuir e fomentar essas práticas de integridade, transparência e ética em toda a nossa cadeia de valor. Então, é um modelo que contribui para subir o nível de excelência não só da nossa indústria de óleo e gás, mas também, contribuindo para toda a sociedade.

E para isso, a nossa governança é organizada em diversas camadas, a camada mais inferior, onde nós trazemos todo os nossos mecanismos, nosso ambiente de controle interno organizado nas três linhas de defesa e com todos os mecanismos, não só respeitando as boas práticas de mercado, mas também seguindo as orientações regulatórias, tanto das leis brasileiras como das leis norte-americanas que regem o nosso modelo.

Depois, nós temos um processo decisório robusto, estruturado, que garante que as decisões sejam sempre técnicas, embasadas e consistentes com a geração de valor para a Companhia. Então, evitam-se decisões monocráticas, fortalece o modelo de decisões compartilhadas, lastreada por pareceres, pelas áreas técnicas no modelo de baixo para cima.

E seguinte, nós temos o equilíbrio e o respeito aos acionistas, considerando o nosso modelo de economia mista, onde devemos garantir e promover esse equilíbrio e respeito

a todos os acionistas, na medida em que temos diversos mecanismos que dão a devida transparência, a devida equidade e visibilidade aos processos decisórios no nosso ambiente de acionistas.

E, por fim, não menos importante, sabemos que a Petrobras tem um nível de escrutínio bastante amplo por diversos órgãos reguladores. Esses órgãos que no passado já tiveram o papel de apontar os problemas que aconteceram, mas que hoje nos ajudam a melhorar continuamente nosso ambiente de controle, que nos ajudam a indicar as oportunidades de melhoria.

E que, obviamente, também reconhecem aquilo que a Petrobras já alcançou do ponto de vista de governança, do ponto de vista de integridade e que hoje já é um modelo referência para diversas outras empresas estatais e privadas.

Com isso, eu encerro a parte do capítulo ASG, e passo para o Rodrigo seguir com a parte financeira.

Rodrigo Araujo:

Eu tinha comentado no início, eu acho que esse plano é mais um *flash*, um filme que não começou ontem, ele vem aí há alguns anos, numa trajetória de recuperação importante da Companhia. E, obviamente, nós temos alguns marcos relevantes que eu acho que é importante destacar.

O nosso atingimento da nossa dívida alvo e adequação da estrutura de capital da Companhia, que conseguimos fazer com 15 meses de antecedência e mantém um trabalho importante de manutenção da nossa alavancagem dentro do *range* ótimo.

Nós hoje temos um portfólio de endividamento com mais da metade vencendo após 2027, ou seja, bastante confortável em termos de situação de liquidez da Companhia e de expectativa de vencimentos para os próximos anos. Em sete anos nós amortizamos mais de US\$100 bilhões de endividamento, isso é bastante destacado. Obviamente, isso se reflete em menores juros.

Nós projetamos para 2022, US\$2 bilhões, algo que já foi mais de US\$8 bilhões, em 2017 US\$7 bilhões, ou seja, redução de 70% em termos do nosso custo anual, com juros da nossa dívida financeira. Obviamente, o nosso trabalho de gestão de endividamento não é interrompido, apesar de ter atingido o nível nós seguimos sendo bastante ativo em emissões, recompras e também na diversificação dos nossos instrumentos.

Nós recentemente emitimos certificados recebíveis imobiliários de forma bastante inovadora no Brasil. Emitimos notas comerciais também com prazos bastante competitivos e preços bastante competitivos. Tivemos também esse ano a nossa primeira emissão atrelada indicador de sustentabilidade, então nós seguimos, ainda que confortável no nível de endividamento, trabalhando com esse endividamento para ter um perfil mais adequado e mais diversificado também.

A otimização de caixa foi um trabalho importante que fizemos ao longo de quase um ano e meio, de trazer o caixa mais próximo para o nosso caixa de referência. Nós seguimos nesse planejamento com um caixa de referência de 8 bilhões e um caixa mínimo de US\$5 bilhões, nós mantemos o que nós já trouxemos no plano estratégico passado.

Obviamente, todo o trabalho que nós fizemos de desalavancagem e toda forte geração de valor da Companhia no ano de 2022 nos permitiu declarar já R\$3,80 por ação em

dividendos ao longo deste ano, um retorno importantíssimo também para a sociedade brasileira, não só na forma de tributos, mas na forma de dividendos também, lembrando que a União e o grupo de controle são o maior beneficiário dos dividendos pagos pela Petrobras.

Em cinco anos, a arrecadação de tributos é da ordem de mais de R\$1 trilhão, então, uma Companhia que tem um papel muito importante, não só pelo lado do investimento, mas também pelo lado de arrecadação e remuneração para economia brasileira.

Uma Companhia continuamente premiada com as suas demonstrações financeiras entre as dez mais transparentes do Brasil e, nesse período de cinco anos, tendo sido eleita a demonstração financeira mais transparente do país nos anos de 2019 e 2020. Então, reforça a mensagem importante que o Salvador trouxe da nossa comunicação transparente com os diversos públicos de interesse.

E também a nossa preocupação em conseguir viabilizar os nossos projetos de investimento. Vocês conhecem bem, sabem que mais de 90% do retorno dos nossos investimentos vem de boas decisões de investimento e da capacidade correta de execução dos projetos.

Então, sempre muito focados nisso, nós trabalhamos também no fomento de *funding* entre a cadeia de fornecedores. Só nos últimos dois anos, o programa Mais Valor e Progredir, os nossos programas que dão crédito de maneira eficiente para a cadeia, mais de R\$20 bilhões, reforçando a nossa capacidade de entregar os projetos no prazo.

Vários desses pilares que estão aqui são exatamente os mesmos dos últimos planos estratégicos. Então, como eu falei no início, reforçando a consistência e a importância de disciplina e consistência para que nós consigamos, de fato, criar valor no longo prazo. (*inaudível*) fundamental, preços alinhados ao mercado internacional. Preços competitivos são uma referência e um pilar fundamental para a nossa capacidade de entrega de valor.

Nosso caixa de referência, caixa mínimo, como eu já comentei, mantidos em US\$8 bilhões e US\$5 bilhões. Manutenção da nossa política de dividendos e da nossa expectativa de distribuição com base na nossa política.

Nós fizemos um pequeno ajuste no nosso intervalo de referência da dívida bruta, trazendo de 55 a 65 para 50 a 65, mas ainda assim a nossa expectativa é de manter ao redor de 55 ao longo do plano, nós já convergimos para esse patamar. Estamos hoje próximos de 55, ao redor de 55, a manutenção desse patamar, obviamente, com flutuações normais ali ao longo do tempo, mas sempre voltado para a manutenção nesse patamar.

Em termos de premissas, acho que é importante ressaltar que nós mantemos a nossa visão de longo prazo, tanto de preço de petróleo, não só no cenário base do plano de US\$55 por barril, mas também no cenário de resiliência de US\$35 por barril. Mas nós ajustamos a trajetória de convergência, obviamente refletindo o que nós estamos vendo na tela. Vocês lembram bem que no passado nós enxergávamos US\$72 de média no ano de 2022, nós estamos vendo mais US\$100.

Então nós ajustamos a nossa trajetória de convergência para o 55, e no caso do resiliência, a nossa trajetória de convergência para 35, para refletir preços mais alinhados ao que nós estamos vendo na realidade, sempre muito aderentes à visão dos previsores de mercado. E nós nos preocupamos também em fazer um *sanity check* das nossas premissas com os melhores previsores do mercado internacional.

Em termos de fontes e usos, e de criação de valor, é importante destacar que mais da metade do que a Companhia gera retorna para a sociedade brasileira. E aí nós olhamos um retorno bastante expressivo, entre US\$215 e US\$235 bilhões no horizonte do plano. Então, a Companhia que, 4% do PIB brasileiro contribui de maneira muito importante para a sociedade brasileira.

Nós vemos um aumento dos investimentos no planejamento estratégico deste ano, a Companhia, o maior plano de investimentos do Brasil, totalmente alinhado com a média dos nossos pares. Investimentos em aderência aos investimentos dos nossos pares na indústria. Nós fazemos, inclusive no processo do planejamento estratégico, uma análise de fronteira eficiente do nosso portfólio, também bastante aderente à indústria.

Nós observamos, então, uma capacidade de geração de caixa da ordem de US\$200 bilhões no horizonte do plano. E uma parte importante disso, US\$70 bilhões indo para investimentos, também uma parte importante sendo distribuída. Nós destacamos que, além do nosso CAPEX óbvio, de US\$78 bilhões, nós temos uma parte importante do nosso CAPEX, que vem através de unidades afretadas também, que nós vamos detalhar um pouco mais para frente.

E finalmente, acho que um plano que não só é robusto no nosso cenário base, mas ele é um plano que é autofinanciável e considero o cumprimento da nossa política de dividendos também no nosso cenário de estresse, ou seja, também no nosso cenário de resiliência. Esse é um plano extremamente responsável e que ele é exequível e temos plena capacidade de entregar, mesmo em um cenário de resiliência.

Finalmente, como eu falei e em seguida, o Rodrigo, Fernando, Mastella e João Henrique vão detalhar os investimentos em cada área, mas nós temos um aumento importante do nosso CAPEX do plano 22-26 para o plano 23-27, mantendo o nosso foco, 83% no segmento de exploração e produção, mas também trazendo investimentos importantes em mais eficiência e melhoria de qualidade no refino também.

Então, nós mantemos o nosso foco nos ativos que nós temos mais vantagens competitivas e que a Companhia consegue entregar maior geração de valor.

Aumentamos de forma importante o CAPEX de descarbonização, como o Rafael falou, não só em produtos de mais baixa pegada de carbono, mas também em descarbonizar as nossas operações, escopo 1 e 2.

E aqui acho que vale destacar algo que é importante também, é um esforço que a Companhia vem fazendo de conseguir entregar os projetos no prazo, passa por conseguir executar as contratações e os processos junto à cadeia de suprimentos.

E nós sabemos dos desafios que as cadeias globais estão passando com a pandemia, e nós olhamos uma parcela importante do nosso CAPEX de 23, 24 e 25 já contratados. Então, assegurando que nós consigamos de fato entregar os projetos no prazo. E também é sempre importante lembrar que, na nossa análise de financiabilidade, de resiliência do plano, nós também observamos a capacidade de entrega do mercado fornecedor.

Nós sabemos muito bem que a entrega desses projetos, nós temos toda uma cadeia de suprimentos que precisa ser capaz de entregar. Então o nosso plano também é bastante responsável olhando para o que o mercado fornecedor de fato consegue entregar ao longo do tempo.

Passo agora para o Fernando para detalhar a nossa estratégia de E&P.

Fernando Borges:

Bom dia a todos. Entrando um pouco mais no detalhe do investimento na área de exploração e produção. Temos aí, no quinquênio, investimento de US\$64 bilhões, aumentando em mais de 10% em relação ao nosso plano anterior.

Aqui eu destaco uma peculiaridade que os afretamentos não estão embutidos nesse valor, mas eles pagam a parte de investimento em nossos projetos e eles somam na casa de US\$20 bilhões neste quinquênio, então nós podemos dizer que é um investimento da parte Petrobras, os nossos projetos de exploração e produção montam a US\$84 bilhões.

Outro fator interessante que nós vamos ver na produção, na média, a participação da Petrobras nesses projetos é de 66%, o nosso WI médio. Então, se nós formos trazer o investimento dos nossos sócios que já estão compromissados conosco, esses investimentos montam no WI 100%, a US\$127 bilhões. Então nós estamos na verdade, o que arrasta as ações de exploração e produção é o dobro do que aí está marcado só, quando não se considera a participação do sócio no afretamento.

Seguimos com o investimento bastante pesado no pré-sal, 2/3 desse investimento é direcionado aos nossos ativos do pré-sal, à Bacia de Campos, o pós-sal, em Sergipe - Alagoas conta com 24% desses investimentos, outra fração bastante relevante, chega a 43, no pós-sal, chega em torno de US\$15 bilhões, sem considerar o afretamento. Se nós formos colocar o afretamento só no pós-sal, chega a US\$20 bilhões.

A atividade exploratória conta com 9%. É fundamental que a Petrobras siga buscando novas reservas, uma vez que nós estamos em um processo de exploração e produção, nós lutamos a cada ano com um declínio natural na ordem de 10% da nossa produção.

E quando nós estamos em patamares bastante elevados de produção de óleo equivalente, na casa dos 3 milhões de barris de óleo por dia, significa que a cada ano nós temos que incorporar 300.000 barris dia só para fazer frente ao declínio e manter a produção nessa faixa de 3 milhões de barris de óleo equivalente dia.

Outro aspecto bastante importante que permeia todo esse investimento é a busca da dupla resiliência. A econômica, com portfólio resiliente a valores do Brent 35 no longo prazo, com a gestão ativa de portfólio, é onde busca a nossa participação nesses ativos mais resilientes, além da permanente busca por redução de custo.

E a resiliência ambiental, com aumento na eficiência de carbono, uma vez que nós buscamos jazidas de alta produtividade, e isso nos ajuda a manter a nossa intensidade de emissões nesta faixa de 15 quilos de CO₂ por barril de óleo equivalente.

A produção é crescente nesse período em função do desenvolvimento dos ativos, principalmente neste período, alavancado pelos desenvolvimentos no pré-sal. Todas as projeções estão mantidas para o ano de 2023, bem como a produção total e comercial em todo o período. Em 2023 estamos com a produção total de 2,6 milhões de barris de óleo equivalente por dia e que se traduz em uma produção operada de 3,8 milhões de barris de óleo equivalente por dia.

Temos uma redução de aproximadamente 100.000 barris por dia nas médias anuais de óleo, em 24 e 25, por ajuste de cronograma, de interligação de poços e a incorporação do efeito de excedente da participação onerosa em Sépia e Atapu.

Chegaremos em 2027 com a produção total de 3,1 milhões de barris de óleo equivalente dia, sendo uma produção operada já na casa dos 4,7 milhões de barris de óleo equivalente por dia de produção operada. E nós vemos nesse período uma participação crescente das jazidas do pré-sal, passando de 74% a 78% no final dos cinco anos.

Dando um foco em exploração, nós observamos um pequeno aumento do nosso investimento em exploração em relação ao plano anterior, que era na casa dos 5,5 bilhões. E o foco nosso continua em ativos de águas profundas e ultraprofundas. Esse esforço está dividido nessas duas regiões que vocês veem no mapa, na Bacia do Sudeste, com 45% dos investimentos, e a margem equatorial nesse plano, já sobrepassando os investimentos, com 49% no destino.

E quando nós temos uma visão assim, só na questão dos poços, nós projetamos 42 poços exploratórios nesse período. A margem equatorial, contando com 16 poços exploratórios divididos em 17 blocos. E nós temos nessa extensa região da margem equatorial brasileira, que vai do Rio Grande do Norte até o Amapá. E vamos ter ainda 24 poços exploratórios na região do Sudeste que abraça a Bacia de Santos, Campos e Espírito Santo.

Além disso, teremos dois poços exploratórios no bloco de Tayrona, na Colômbia, onde nós tivemos uma importante descoberta de gás natural também em água profunda.

Com isso, termino aqui essa visão de exploração e produção e passo a palavra ao Diretor Rodrigo Costa.

Rodrigo Costa:

Bom dia a todos aqui que nos acompanham neste *webcast*. Na área de refino e gás natural, nesse ciclo de revisão de planejamento, nós estamos mantendo as estratégias de atuação em ativos focados na proximidade da oferta de óleo e gás, são os ativos que têm sinergia com as nossas operações de *upstream* e também têm a proximidade do mercado consumidor.

E na parte de gás, estamos mantendo a estratégia de focar na comercialização do gás do nosso portfólio e na otimização do nosso portfólio termelétrico.

Essas estratégias nos têm permitido avançar de forma significativa na gestão do nosso portfólio e, por consequência, realizar investimentos relevantes na eficiência operacional, na adequação e expansão do nosso parque alvo do refino, acompanhando a evolução dos mercados.

No gás natural, nós vamos poder ver ali nos slides seguintes, nós estamos ampliando a nossa oferta e infraestrutura relacionada, seja de escoamento, seja de processamento, dando mais resiliência ao nosso portfólio de comercialização.

Mas nós olhamos os nossos investimentos nesses segmentos, tanto de refino quanto de gás natural nesses cinco anos, no horizonte do plano, eles somam mais de US\$9 bilhões. No refino, em particular, nós expandimos nossos investimentos em cerca de 28% quando nós comparamos plano contra plano, atingindo um patamar de US\$7,8 bilhões.

Cerca de 2/3 desses investimentos no refino vão ser alocados em atividades de expansão de capacidade, qualidade de produtos, eficiência energética e biorrefino. O

restante ele vai ser aplicado maiormente em paradas programadas, com foco em elevar nossa disponibilidade operacional.

O nosso marco bastante relevante nessa revisão desse planejamento é o nosso programa RefTop, que ganhou mais maturidade, está focado nas refinarias no eixo Rio-São Paulo, é o nosso carro chefe para nós chegarmos ao objetivo de estar entre os melhores refinadores do mundo em eficiência energética e desempenho operacional.

Nós avançamos na maturidade dessa carteira de projetos, totalizando 148 projetos, sendo 100 em eficiência energética. E com isso, com esses 100 projetos, nós vamos alcançar a marca da referência do primeiro quartil Solomon em eficiência energética.

Com isso, nesse programa, na revisão deste plano, nós estamos investindo cerca de US\$800 milhões e estamos confiantes que estamos na trajetória correta, na busca da eficiência operacional.

Quando nós olhamos a parte de ampliação e adequação das unidades de refinaria, nós concluímos que fazer essa trajetória através do parque existente, ou seja, aproveitar as oportunidades no parque existente, tem se mostrado a alternativa mais econômica e mais atrativa para o refino e para a Companhia.

Nós prosseguimos com os investimentos necessários para adequar todo o parque do refino no eixo Rio-São Paulo para diesel S10. Com isso, nós vamos agregar uma capacidade de entrega de diesel S10 superior a 300.000 barris por dia até 2028 com a nova unidade de hidrotreatamento na REPLAN e revamps na REDUC, na REVAP e na REGAP.

A capacidade adicional de refino é representada principalmente pelos investimentos previstos na conclusão da RNEST, agregando cerca de 145.000 barris por dia de capacidade de destilação.

Nesse plano, também ganhamos maturidade no projeto da integração da REDUC com um polo Gaslub, em Itaboraí, onde nós vamos permitir aumentar a capacidade de conversão da REDUC, entregando diesel S10 e QAV em cerca de 93.000 barris por dia, com um aumento por consequência da performance da REDUC.

E dentro dessa iniciativa, nós também ganhamos maturidade na implementação da primeira planta de óleo base e lubrificantes avançados no Brasil, também no polo Gaslub, agregando cerca de 12.000 barris por dia de lubrificantes avançados.

Outro ponto de destaque nesse plano é a maturidade do nosso programa biorrefino. Então, na semana passada nós concluímos com êxito e sucesso os testes do nosso diesel R, o diesel renovável. No caso da Repar, o diesel renovável com 5% de conteúdo vegetal.

Terminamos esses testes com sucesso, comprovando a nossa tese de que o diesel coprocessado em hidrotreatamento mantém as mesmas características físico-químicas do diesel fóssil, com o benefício de que na parcela renovável nós temos um potencial de emissões de cerca de 60% a menos quando comparado com o diesel fóssil.

E agora já estamos em escala comercial. Com isso, nós prevemos nesse plano adicionar capacidades de diesel renovável, por coprocessamento, adicionar mais capacidade na REPAR e avançar na REPLAN, REDUC e na Refinaria de Cubatão, totalizando um potencial de cerca de 154.000 barris por dia de diesel, com 5% de conteúdo renovável.

Como o Rafael destacou no início, nós também ganhamos maturidade nos estudos da unidade dedicada. Quando nós falamos unidade dedicada, é a unidade onde nós processaríamos cerca de 100% de matéria-prima renovável. Então, aí nós já estaríamos falando em um diesel R100, 100% de conteúdo renovável.

Essa unidade dedicada nós ganhamos maturidade, já definimos a localização, ela será lá em Cubatão, na nossa refinaria, que nós temos no Estado de São Paulo. Essa iniciativa vai agregar cerca de 15.000 barris por dia e aqui nós temos não só o foco em diesel renovável, mas principalmente no bioQAV, acompanhando a evolução desse mercado.

Então, nós vamos estar agregando ali cerca de 6.000 barris por dia de entrega de bioQAV, e esperamos com isso ser a escolha das Companhias aéreas nos seus caminhos de descarbonização. Dentro desse programa, no horizonte deste plano, nós estaremos investindo cerca de US\$600 milhões.

E aqui, nesse último slide da minha fala aqui, eu pego o destaque no segmento de gás natural. E aqui nós vemos uma ampliação de oferta bastante significativa com a entrada da Rota 3, junto com a UPGN lá no polo Gaslub.

Temos aí a maturidade que o segmento de exploração e produção integrado com o segmento de desenvolvimento da produção vem tendo nos projetos de Sergipe Águas Profundas e no projeto do BMC 33, a parceria com a Equinor, que vão totalizar uma aplicação de cerca de US\$5 bilhões, esses números estão alocados no segmento de E&P, e com isso, nós temos aqui um aumento significativo da nossa oferta no nosso portfólio Petrobras, de cerca de 50 milhões de metros cúbicos dia de gás natural.

Então, nós estamos aqui falando, só para nós termos uma ordem de grandeza, de quase cerca de duas vezes os níveis de importação que nós temos na Bolívia no momento corrente. Junto com esses projetos, nós estamos falando de uma infraestrutura associada de quase cerca de 700 quilômetros de gasodutos para viabilizar a entrega desse gás natural processado.

E isso é de suma importância para nós acompanharmos a evolução do mercado nesse novo momento do novo mercado de gás, onde os nossos clientes vêm demandando produtos diversificados, com prazos, indexações, flexibilidades, para que nós consigamos estar mantendo o nosso diferencial competitivo de confiabilidade na entrega.

Então, pessoal, conluo aqui a minha fala, passo para o Mastella, para ele complementar as estratégias do *downstream*.

Claudio Mastella:

A Diretoria de Comercialização e Logística atende clientes tanto internos quanto externos, eu estou falando aqui de refinarias, unidade de produção de petróleo, mas também, claro, cliente comerciais, distribuidoras no Brasil, clientes finais do Brasil e diversos clientes ao redor do mundo, que são, é bom lembrar, as efetivas fontes de receita para o nosso funcionamento como empresa. Nós queremos ser a melhor opção para os nossos clientes atuais e futuros.

O nosso orçamento de investimentos, que está colocado nesse slide, está dividido quase meio a meio, de um lado, a manutenção dos ativos para garantir uma quantidade operacional, garantir disponibilidade e segurança, obviamente, dos ativos e, do outro

lado, melhoria de desempenho, através do nosso programa Avança Log, focado em aumento de eficiência logística e alcance de mais e melhores mercados para a nossa competitividade como empresa, especialmente aqui no Brasil.

Do lado de eficiência logística, buscando redução de gargalos operacionais, aumento de vazão no nosso duto que vai até Brasília, de Paulínia até Brasília, e implementando mais e melhores operações de transporte de petróleo e produtos, ampliando o OSRIO, que traz produto até o Rio de Janeiro. Substituição de alguns trechos de oleodutos por maior eficiência, segurança e capacidade.

Em paralelo, buscando acessos a mercados de interior, que são mercados que estão crescendo muito no Centro-Oeste principalmente, através de acesso ferroviário/rodoviário, o que for mais competitivo e mais econômico para nós, assim como, em breve, separando corrente de GLP em propano e butano, o que nos permitirá atingir mercados globais a partir do crescimento natural da produção de gás no Brasil e do GLP que vem associado a esse gás.

Na comercialização nós buscamos, obviamente, fortalecer as nossas atividades comerciais em parceria integral com a nossa própria logística, tanto no Brasil quanto no exterior. No Brasil, favorecendo a competição através de mais e melhores clientes e melhor perfil de clientes. E no mundo, fortalecendo a nossa presença através de nossos *trainers* nos escritórios comerciais do exterior.

Com isso, nós permitimos o tempo todo ter acesso às melhores oportunidades de valorização de nosso petróleo de produtos aqui e no mundo.

Na logística de *downstream*, como eu já mencionei rapidamente há pouco, o programa Avança Log com investimento na ordem de U\$800 milhões vai nos permitir alavancar eficiência, melhorar a infraestrutura, seja própria, seja contratada, viabilizar a nossa participação na transição energética, explorando caminhos de transição e sustentabilidade, e dar mais agilidade, seja através de *hardware*, seja através de sistemas, em pessoas, nos permitindo ter soluções melhores e mais eficientes e ágeis para os nossos clientes internos e externos.

Com isso, nós vamos buscar, por exemplo, ganhar melhor desempenho no sistema dutoviário Rio-São Paulo, investir em terminais, ampliar modais de atuação e forma de contratação, seja de modais terrestres quanto marítimos, garantindo melhor desempenho. Em paralelo, em particular na nossa frota marítima, aumentar a eficiência através de sucessivas renovações e implementação de incorporação de navios cada vez mais eficientes de menor emissão.

Na logística de *upstream*, como nós já estamos fazendo há algum tempo, nós continuamos melhorando o nosso desempenho em busca de cada vez mais prestar melhores serviços aos nossos clientes no *upstream*, buscando com isso melhores níveis de serviço, custos mais baixos e estoques otimizados, garantindo com isso segurança na operação dos ativos e a execução no prazo dos projetos planejados pelas diversas áreas.

De novo, redução de emissões através de otimização de rotas e controle de velocidade de embarcações é uma prática que nós adotamos, seja na logística de *upstream* quanto na de *downstream*, ganho de eficiência operacional recentemente implantamos o Centro Integrado de Logística E&P próximo ao Centro de Pesquisa no Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão.

E estamos já presentes na margem equatorial, apoiando a implementação lá na base do Oiapoque, nas primeiras iniciativas naquela região.

É isso pessoal. Obrigado. Eu passo agora a bola para o João Henrique, que tem a tarefa extremamente desafiadora de tornar realidade todos esses projetos de investimentos que nós acabamos de falar aqui para vocês.

João Henrique Rittershausen:

Grande oportunidade estar aqui para falar com vocês do nosso plano de investimentos. Eu vou dividir a apresentação em duas partes: o *upstream* e o *downstream*. Começando pelo *upstream*.

Então vamos começar aqui no primeiro slide. Nesse slide nós conseguimos comparar o CAPEX E&P entre os dois planos. Nós reforçamos que a nossa estratégia de investimento de ativo de alto valor na Petrobras, 67% dos investimentos focados no pré-sal, conforme o Fernando já falou na apresentação dele.

Houve um incremento de CAPEX, de cerca de US\$7 bilhões, 12% a mais que o ano anterior, atingindo um patamar de 64 bilhões em investimentos previstos para o quinquênio. Os principais motivos desse aumento, tem a inclusão de Sépia 2 e Atapu 2 no nosso portfólio de projetos, além de oportunidade em projetos complementares, algumas atualizações de premissas macroeconômicas de mercado e ajustes em projetos.

E nesse slide nós conseguimos ver o cronograma de entrada dos novos FPSOs até 2027. A Petrobras segue líder em investimentos em projetos de FPSO no mundo. Temos um grande desafio para os próximos cinco anos, teremos 18 novos FPSOs a entrar em operação nesse quinquênio, sendo que 14 no pré-sal e quatro no pós-sal.

É importante destacar a manutenção da entrada dos FPSOs, nós estamos mantendo o ano de entrada desses FPSOs, vocês que acompanham a nossa carteira, lembram dos grandes atrasos que tínhamos nessas unidades, e nós estamos conseguindo agora manter os cronogramas de entrada, e isso gera muito valor para a Companhia.

A única exceção que nós temos é o FPSO de SEAP, onde o primeiro óleo foi postergado para 2027. É uma unidade que ainda não está com a decisão de investimento feita porque nós ainda não concluímos a licitação de contratação. Nós estamos com previsão de antecipação de entrada da P-71, a expectativa é ela entrar em operação ainda no mês de dezembro, então, é uma excelente notícia que nós temos que nós vamos conseguir também acelerar o *ramp-up*.

A unidade já está hoje no campo ancorada com as linhas interligadas em processo de comissionamento e liberação das autoridades para iniciar a produção. Das 18 unidades que nós temos no plano, temos 14 já contratadas em implantação.

Para 2023, além da P71, são mais quatro unidades a entrar em operação. Eu posso destacar aqui o Anna Nery, que já está na locação e está aguardando condições de mar para iniciar ancoragem e interligação. E lembrando que o Anna Nery vai produzir no campo de Marlim, junto com a unidade Anita Garibaldi, que está em navegação para o Brasil e deve chegar no Brasil nas proximidades do natal.

O FPSO Almirante Barroso, que vai ser a unidade que vai operar no campo de Búzios, o Búzios 5, está no estaleiro Brasfels em fase final de comissionamento e teste de aceitação.

Referente às novas plataformas previstas para 2027, destacamos os processos de contratação para as unidades SEAP previstos para iniciar nos próximos meses na modalidade de afretamento. SEAP já foi para o mercado com uma unidade BOT, não tivemos sucesso e agora estamos voltando com Afretamento.

Nós trouxemos esse slide para mostrar como é que nós estamos atuando em todas as disciplinas para reduzir emissões no nosso projeto de desenvolvimento da produção.

Na disciplina de poços, considerando que as sondas de perfuração são nossas maiores fontes de emissão, temos planejado investir em novas tecnologias, iniciativas para reduzir o tempo de construção de poços e também aumentar a sua produtividade, buscando aí também o aprimoramento da logística das operações e obtenção de maior eficiência no consumo de diesel.

As unidades de produção têm uma expectativa de *(inaudível)* 30% de emissões em relação aos projetos de referência da Petrobras. Nesse projeto de referência, que nós falamos que é o DA78 e 79, que já é uma unidade muito eficiente e com alto grau de equipamento para reduzir emissões.

Isso será possível através da aplicação de tecnologias como eletrificação *topside* do FPSO, o chamado conceito, nosso conceito *all electric*, onde nós temos todos os equipamentos da unidade movidos por motor elétrico e não por turbinas.

Na parte de equipamentos submarinos estamos trabalhando na aplicação de soluções *driveless*, automatizando as operações de mergulho antes realizadas com embarcações especializadas. Além disso, estamos implementando alterações das modalidades de contratação, com aumento de produtividade.

Entrando no segmento de refino, gás e comercialização e logística, conforme já apresentado pelo Rodrigo e pelo Mastella, nossos investimentos continuam focados na maximização de valor, buscando aumentar a eficiência e atender às necessidades dos clientes.

Na comparação dos planos, tivemos um incremento de CAPEX, de cerca de 20%, ocasionado por projetos de aumento de eficiência energética e oportunidade em projetos de logística. Também tivemos a atualização de premissas macroeconômicas e mercado e ajustes no escopo dos projetos.

Temos aqui uma visão geral dos projetos na carteira do refino, logística e gás. Temos importantes projetos em nossa carteira focados na expansão e modernização do nosso pátio de refino, por exemplo, a construção e adequações de HDT visando aumentar a produção de um combustível mais sustentável, o diesel S10.

Destacamos a adequação na REDUC, com execução com mais de 50% de avanço físico, e na nova unidade da REPLAN. O GPC foi contratado este ano e a construção já está em andamento, já com cerca de 20% de avanço físico.

Na logística temos os projetos de oleodutos e terminal de Alemoa, que são essenciais para o escoamento de produtos das quatro refinarias de São Paulo.

Analisando o gás e energia, ressalto que estão em andamento as contratações necessárias para a conclusão das obras, escopo remanescente da UPGN, do Rota 3, tanto do de engenharia como de escopo de construção e montagem. Nós estimamos hoje unir essas operações de processamento de gás do polo Gaslub em 2024.

O Rota 3, junto com os gasodutos de SEAP, MC-33, representam uma ampliação significativa de capacidade de processamento e escoamento de gás da Petrobras, conforme já bastante falado pelo Diretor Rodrigo.

Obrigado a todos pela atenção e passo a palavra, agora para a Carla, para conduzir a sessão de perguntas e respostas.

Bruno Montanari, Morgan Stanley (via webcast):

Na curva de produção de óleo me surpreendeu um pouco ver a redução de 100.000 barris em 2024, e 2025, pela questão de interligação de poços. E nos surpreendeu também a estabilidade em 2027, a despeito do número de plataformas entrando em produção entre 2025 e 2027.

Poderia nos dar mais detalhes sobre o que levou ao ajuste no cronograma de poços e poderia nos ajudar a reconciliar o motivo da produção não crescer mais expressivamente em 2027? Seria por conta do início do declínio da produção em Tupi e/ou o declínio mais acelerado no pós-sal?

João Henrique Rittershausen:

Bom dia, Bruno. Obrigado pela pergunta. Queria aqui reforçar que a Petrobras, como já falado pelo Fernando, a Petrobras está mantendo as projeções de produção total e produção comercial em relação ao ano anterior. Nós fizemos um trabalho muito forte, e estamos conseguindo manter a projeção de produção nesse quinquênio.

Em relação ao pequeno ajuste na produção de óleo em 24 e 25 trata-se de um detalhamento natural dos cronogramas, ajuste de entrada de poços e do *ramp up* das unidades. A previsão de produção considera diversas incertezas de projeto e da natureza dos reservatórios. Quando definimos a meta para o primeiro ano, nós estimamos uma faixa de mais ou menos 4% em função dessas incertezas que nós temos nesse projeto, nesse processo de planejamento.

Em relação à produção não crescer tão significativamente em 2027, é importante ressaltar que os projetos entrarão em operação ao longo do ano, tendo ainda que cumprir as etapas de comissionamento e *ramp up* dos poços, de forma que os reflexos do aumento de produção desses ativos não são imediatos, eles ocorrem durante um ano como um todo.

Além disso, como o Fernando falou um pouco, não custa lembrar que a produção dos nossos ativos sofre um declínio natural de cerca de 10% ao ano. Nesse contexto, toda nova produção que nós colocamos, nós temos que compensar o declínio dos projetos que já estão em operação.

Os nossos investimentos de 18 bilhões na renovação da Bacia de Campos nesse quinquênio, mostram o nosso compromisso com esse objetivo de manter a produção da Petrobras como um todo, estável, e em acordo com as nossas projeções. Obrigado.

Bruno Montanari (via webcast):

Salvador, seguindo as práticas de governança, quais são os passos para uma potencial nova gestão revisar o plano de investimento? Uma nova gestão poderia ignorar a existência do plano atual e fazer a alocação de capital de acordo com suas crenças, premissas e direcionamento? Nesse caso, quais seriam as implicações práticas?

Salvador Dahan:

Obrigado pela pergunta. Acho que é importante recordar que o plano não é uma atividade estanque e pontual, é um processo com vários meses de trabalho, equipes de todas as áreas da Companhia envolvidas, e que é uma construção que recebe *inputs* da estratégia que os conselheiros querem dar para a Companhia, mas ele é construído de baixo para cima.

Eu acho que é importante ressaltar que é um processo e que exige que essa construção aconteça de uma forma encadeada dentro da governança, dentro da sistemática da Petrobras.

Logicamente que o controlador pode e deve e tem a sua autoridade para imprimir as estratégias que entender razoáveis e necessárias para a Petrobras, lembrando sempre os marcos que regem a Companhia do ponto de vista não só da nossa governança, mas também diz respeito às leis, diz respeito às estruturas regulatórias que nós estamos inseridos no Brasil e no exterior.

Então, de uma maneira geral, é possível, nós temos uma obrigação anual de produzir esse plano quinquenal e, eventualmente, ele pode ser revisto ao longo do ano. Mas, como eu disse, essas premissas acabam sendo os marcos que auxiliam na produção, na criação e, obviamente, na divulgação dos planos.

Christian Audi, Santander (via webcast):

Parabéns por apresentar mais uma vez um plano estratégico com solidez operacional e financeira complementada por uma forte governança corporativa.

Rodrigo, com relação ao retorno do capital investido do CAPEX, você poderia nos dar uma ideia geral de como a média de retorno no capital investido de projetos de *upstream* se comparam com projetos de refino versus projetos renováveis que estão incluídos no plano?

Rodrigo Araujo:

Obrigado, Christian. Obrigado pela pergunta e obrigado pela mensagem. Bom, vocês sabem que nós temos como prática dar *guidance* em relação a retorno de projeto. Mas acho que é uma referência razoável olhar para o que nós estamos tendo, o nível de retorno que nós temos, da ordem de 20%, atual 3T22 no *upstream*, e da ordem de 12% no *downstream*.

Obviamente, nós sabemos e cabe um pouco daquilo que Rafael falou, nós ainda estamos estudando a maturidade de eventualmente novos negócios de diversificação rentável, o que nós enxergamos hoje é que esses projetos têm um retorno inferior ao que é obtido tanto no *upstream* quanto no *downstream*. Em vários casos, ainda carece de maturidade para conseguirmos colocar de pé uma estrutura sólida de retorno.

Eu acho que o que vale destacar também é que nós, em termos de critério de aprovação de projeto, nós mantemos o nosso critério de aprovação de projetos que têm resiliência ao nosso cenário de estresse, o cenário de US\$35 por barril no longo prazo, que é a nossa principal premissa de petróleo.

Obviamente, nós temos *crack spreads* de estresse também para os projetos de *downstream*, que são substancialmente mais baixos que os *crack spreads* que nós

estamos vendo na tela, diesel e gasolina por volta de US\$10 e US\$5 por barril. Então, o longo prazo também bastante desafiador em termos de resiliência para assegurar com que nós tenhamos projetos que são de fato sustentáveis no longo prazo e garantirmos a criação de valor através desses projetos. Obrigado pela pergunta.

Christian Audi (via webcast):

Fernando, o *breakeven* prospectivo continua em torno de US\$20 por barril, como no plano passado?

Fernando Borges:

Christian, bom dia. Sim, a resposta categórica é sim, fica ao redor de US\$20 o barril. Quando nós fazemos o mix do nosso portfólio, os novos projetos, como o Rodrigo acabou de citar, nós buscamos uma resiliência, com o *breakeven* de 35 no longo prazo, quando nós somamos com todo o nosso portfólio de projetos já implantados, eles nos trazem para a Companhia esse valor, algo em torno de US\$20 por barril.

Luiz Carvalho, UBS (via webcast):

Vocês poderiam dar mais detalhes sobre o processo de governança relacionado a novos investimentos? Existe uma periodicidade de discussões, seja anual, trimestral ou algum limitador? Que passos são necessários para a aprovação de novos investimentos?

Existe hoje um objetivo em alguma métrica de retorno? Que parâmetros a Companhia avalia quando considera a decisão de novos investimentos? Ainda em governança, o que seria necessário para mudar a forma como os processos são desenvolvidos?

Rodrigo Araujo:

Obrigado, Luiz, pela pergunta. Eu vou começar e depois passo para o Salvador complementar. Com relação ao processo de decisão de investimento, é um processo que, obviamente, nasce no plano estratégico, então, tudo começa no *set* de premissas, que é definido no plano estratégico. O plano traz o portfólio de investimentos que estão, vamos dizer assim, autorizados em termos de orçamento.

Então, os investimentos que estão aprovados pelo Conselho de Administração para serem executados, estão dentro do guarda-chuva do plano. Claro que cada projeto tem o seu FID específico, a previsão de recursos para aquele projeto de investimento está no plano, só que ele passa, ele segue toda a governança de tomada de decisão. Nós temos um processo chamado decisão de cinco portões ali para investimento, onde o terceiro é a FID tradicional, a tomada de decisão final.

Em termos de critérios, acho que eu comentei um pouco na última pergunta, mas os critérios de aprovação, nós não temos, não trabalhamos com alvo de retorno, mas trabalhamos sim com a obrigatoriedade de que os projetos tenham VPL positivo no cenário de estresse. Então, nós olhamos para o cenário de estresse e aprovamos projetos que passam com VPL positivo, no cenário de estresse nos diversos segmentos.

E em termos de fluxo de aprovação dos projetos individualmente, aí já não falando do plano, mas já considerando que aqueles projetos que estão no plano são aqueles que estão, entre aspas, aprovados para que sigam o processo de governança.

Os projetos de investimento passam por algumas etapas dentro da governança e, principalmente, a decisão final de investimento passa pelo nosso comitê técnico

estatutário, que é um comitê de investimento e desinvestimento, um comitê em que tenha assento 12 gerentes executivos, que é um nível logo abaixo da Diretoria Executiva.

Eles fazem a primeira etapa de aprovação, isso sobe para a Diretoria Executiva e depois sobe para o Conselho de Administração. Projetos ali com valor superior a US\$200 milhões, que é a grande parte dos nossos projetos. Então, isso é um pouco do fluxo. E vou passar para o Salvador complementar a parte de como é que esse processo de eventual alteração, como que funciona na prática.

Salvador Dahan:

Só complementando, como o Rodrigo disse, essas alçadas de aprovação são parte da estrutura normativa da Petrobras, lembrando que cada uma dessas pessoas que participam, desde os comitês técnicos de investimento e desinvestimento, passando por Diretor e Conselho, todos têm uma responsabilidade estatutária e fiduciária com as decisões que estão sendo tomadas.

Qualquer alteração nesse processo tem que estar extremamente bem embasado e justificado, afinal, para que esses projetos, essas iniciativas não só estejam alinhadas ao plano estratégico, mas também economicamente sejam viáveis e porem de pé.

Alterações podem ser feitas, obviamente, nós fazemos alterações de tempos em tempos, do ponto de vista de aprimoramento, de aperfeiçoamento, incorporando às vezes recomendações de auditorias internas ou externas, isso é parte do processo natural e, da mesma maneira, pode seguir acontecendo.

A depender do que for alterado, e de que documento for alterado, tem diferentes autoridades ou instâncias de aprovação. Na grande maioria, quando se trata de investimento ou desinvestimento, isso é competência do Conselho de Administração fazer as alterações, ou aprovar as alterações, melhor dizendo.

Luiz Carvalho (via webcast):

Rafael, existe um foco para novos investimentos em renováveis atualmente? O que a Companhia poderia considerar: eólica offshore, hidrogênio, biocombustíveis? Do outro lado, o que atualmente a Companhia não considera investir, mineração, biomassa?

Rafael Chaves:

Obrigado, Luiz, pela sua pergunta. Sim, existe um foco em energia renovável, nós apresentamos aqui o projeto de investir em uma planta dedicada de consumo, com matéria renovável, IPBC, 100% conteúdo renovável. Então isso já entra na categoria de energia renovável.

Nós entendemos que a vocação que o Brasil tem para gerar combustíveis renováveis, o conhecimento tecnológico que a Petrobras tem, é uma forma inteligente de fazer a transição energética de uma forma gradual. Nós conseguimos, na matriz de transporte, misturar o combustível fóssil com o combustível renovável.

Então assim, nós temos tempo de transformar os recursos, por exemplo, da margem equatorial em riquezas e, ao mesmo tempo, com o avanço tecnológico e essa planta dedicada, gerar energia renovável com o diesel R100, por exemplo, e o querosene de aviação com conteúdo renovável.

Tem um desafio grande, nós já fizemos o anúncio, mas lembrando que tem que construir a planta dedicada, operar a planta dedicada e depois comercializar e ganhar mercado com esse produto. Nós temos três Diretorias diferentes dedicadas a isso. Então, veio com um plano já de CAPEX e com o norte um pouco mais definido.

Nós mostramos também outras alternativas, o hidrogênio, eólica offshore e captura de carbono, que nós entendemos que vale a pena aprofundar e tentar buscar projetos onde nós encontremos sustentabilidade para, aí sim, anunciar um CAPEX. E a sustentabilidade tem que ser de forma ampla, tem que ser uma sustentabilidade climática e tem que ter também a sustentabilidade financeira.

Um projeto que tire nota dez em sustentabilidade climática, mas que não tenha sustentabilidade financeira, ele está fadado ao fracasso. Então, nós temos que encontrar projetos que tenham dupla resiliência. E nesse momento, do plano passado para esse, depois de muito debate interno com a equipe multidisciplinar, nós entendemos que tem mais sentido focar nessas três frentes, até pelas vantagens comparativas que a Petrobras tem.

Luiz Carvalho (via webcast):

Rodrigo, o Brasil é estruturalmente importador de derivados de petróleo. Neste cenário, faria sentido pensar em expansão de capacidade de refino? Que opções a Companhia teria para aumentar o refino? Quanto de otimização das refinarias atuais poderia aumentar a capacidade? Uma retomada do projeto inicial do Comperj poderia fazer sentido?

Rodrigo Costa:

Luiz, o que nós podemos ver aí, como tendência mundial, é que a ampliação e adequação de unidades nas refinarias já existentes é, digamos assim, o que nós observamos que os grandes refinadores do mundo estão perseguindo. Os projetos de refinaria *greenfield* não têm se mostrado com uma resiliência econômica e por isso, nós vemos aí uma redução dessas expansões de *greenfield*.

Nessa linha, quase cerca de metade daquele CAPEX que eu mostrei lá, de 9,2 bilhões, entre refino e gás natural no horizonte do plano, se referem a projetos de expansão, qualidade e eficiência no parque existente.

Nós viemos com todas essas iniciativas, buscando permanentemente ali adicionar ganhos de eficiência e aumentar o nosso nível de disponibilidade operacional, esse ano nós estamos com algo em torno de 96%, com oito refinarias já no primeiro quartil, se compararmos com o *benchmark* Solomon ali para o mercado americano e canadense, e com o programa RefTop, nós estamos buscando subir essa barra da disponibilidade operacional para 97, maior ou igual a 97%.

Permanentemente nós estamos analisando a conjuntura de mercado, avaliando as oportunidades dentro do parque de refino. Nesse plano, nós estamos com uma capacidade adicional de cerca de 145,000 barris.

Quando nós olhamos lá o Trem 2, a conclusão do Trem 2 da RNEST, uma captura de sinergia grande entre o que nós já temos ali no polo Gaslub, com um avanço físico nas unidades de hidrocraqueamento, hidrotreatamento e a sinergia com a integração de conversão da REDUC, pegando uma carga de gasóleo da REDUC e aproveitando esses equipamentos de conversão no polo Gaslub, e entregando cerca de 95,000 barris dia de diesel e QAV.

E também a oportunidade de estar fazendo lubrificantes avançados de grupo dois, que são produtos com altas margens de retorno para a Companhia. Então tudo isso está dentro de oportunidades e alavancas que nós estamos permanentemente monitorando dentro do parque existente da Petrobras.

Luiz Carvalho (via webcast):

Qual é a capacidade da Companhia de aumentar investimentos versus o plano atual no E&P refino e gás energia? Existe uma limitação de quanto a Petrobras consegue investir no curto prazo? Há alguma limitação de caixa atual para investimentos nesse curto prazo?

João Henrique Rittershausen:

Hoje nós não temos nenhuma limitação para aumentar investimento. Todo o investimento que nós estamos fazendo é resiliente e aderente ao nosso negócio e nós temos trabalhado muito forte para dar consistência a implantação dos nossos projetos. Nós temos trabalhado muito forte para a qualidade dos projetos, qualidade do que nós colocamos no mercado.

E uma avaliação muito consistente também da capacidade do mercado atender aos nossos projetos. Não adianta nós resolvermos colocar projetos de mais no mercado se nós não tivermos um mercado preparado para atender esses projetos.

Quando nós falamos no segmento E&P, nós temos um mercado internacional para poder suprir os grandes FPSOs com os requisitos, com todo o local que nós temos que atender. Então, nós consideramos a indústria nacional mais o mercado internacional. Quando eu vou para um empreendimento do refino, as obras têm que ser executadas no Brasil, não tem como eu trazer uma unidade do refino de fora para poder acelerar.

Então, quando nós fazemos a avaliação do projeto, nós entendemos e avaliamos os prazos de implantação e a capacidade do mercado para implantar aquele projeto. Então, hoje, com a visão que nós temos hoje de mercado, que está no nosso PE, é o que é possível fazer de maneira sustentável e responsável. Acho que o Rodrigo podia complementar um pouco com uma questão de caixa.

Rodrigo Araujo:

Nem tem o que complementar, João. Mas eu acho que é importante destacar que, acho que é algo que nós falamos no último plano, falamos no 22-26 e falamos no 23-27, Luiz.

Esses dois planos foram os primeiros em um conjunto de anos importantes que nós não tivemos restrição de CAPEX, a Companhia atingiu a sua estrutura de capital, está com uma liquidez bastante confortável, tem uma estrutura de endividamento também bastante endereçada e confortável.

Isso nos permite fazer todos os investimentos que são aprovados aí nos nossos critérios. Então não tem, não precisamos fazer nenhum tipo de restrição por *funding* ou por geração de caixa. O plano, como eu falei, é autofinanciável, não só no cenário base do plano estratégico, mas no cenário de resiliência também o plano é bastante robusto. Acho que é isso. Obrigado.

Rodolfo Angele, JP Morgan (via webcast):

João Henrique, poderia explicar os motivos pelos quais o CAPEX para o E&P subiu versus o ano anterior, mesmo com uma curva de produção muito semelhante ao plano estratégico anterior? Em particular, poderia falar sobre pressões inflacionárias do CAPEX?

João Henrique Rittershausen:

Obrigado pela pergunta. Em termos de CAPEX do E&P, nós tivemos um aumento de 12% em relação ao plano anterior, devido principalmente a projetos complementares, a entrada de Sépia e Atapu no PE, e atualização de premissas macroeconômicas de mercado.

Incorporamos aí no CAPEX do E&P a estimativa de inflação e ajuste de mercado para o período, especialmente referente ao escopo não contratado. No hora que olhamos o curto prazo, tem o slide que o Rodrigo mostrou, nós estamos já bem contratados nos três primeiros anos. Então, a mudança da faixa de preço de petróleo não tem influência nesse primeiro período, ela vai ter mais influência no período, nos dois últimos anos do PE.

Agora, nós temos que ter sempre em mente que a Petrobras faz uma monitoração constante do mercado e ela escolhe a melhor hora de ir para o mercado e a melhor estratégia para minimizar esse risco de aumento de CAPEX devido à inflação.

Essa monitoração, agora, na época quando estourou a Guerra, nós seguramos várias licitações porque nós não tínhamos condições de contratar. Então, nós monitoramos constantemente e essa perspectiva de inflação tem uma análise probabilística que está considerada nos nossos números que estão no PE.

Vicente Falanga, Bradesco BBI (via webcast):

Qual taxa de declínio assumem para o pré-sal olhando para frente? Notamos que o piloto de Tupi no FPSO cidade Angra dos Reis vem declinando a produção em torno de 20% ao ano. Quais são os motivos disso? Essa seria a taxa de declínio do pré-sal?

Fernando Borges:

Nós já dissemos aqui que uma média de declínio na atividade de exploração e produção, um declínio natural é em torno de 10%. Isso é um mix de várias situações, por exemplo, nós pegamos o campo de Mero ou o campo de Búzios, você tem unidades produzindo e uma série de projetos ainda a ser implantados.

Ou seja, você tem uma jazida em um determinado momento que ela está sendo produzida abaixo do seu potencial. Esse potencial vai ser atingido quando todas as unidades estiverem em produção, e nós temos um declínio médio de 10% ao ano.

No caso particular que você traz do FPSO cidade Angra dos Reis, ele é um projeto lá do piloto de Tupi, foi um projeto que trouxe informações para os outros módulos que foram implantados. Hoje a jazida de Tupi tem sete unidades de produção e busca capturar todo o potencial da jazida.

Hoje é o maior produtor de petróleo do Brasil e nós já estamos pensando de como mitigar esse declínio através de ações de, não só no caso particular do Angra dos Reis, que precisa de ações de integridade, ações de intervenções submarinas, intervenções em poços, como também temos, de uma maneira geral, na jazida de Tupi, esforços para trazer poços de *infill drilling*, mais poços, melhorar a questão da injeção de água, injeção de gás.

E temos aí, prospectivamente, nós já apresentamos a revisão do plano de desenvolvimento à Agência Nacional do Petróleo em dezembro do ano passado, e ainda está em discussão com a agência, onde nós buscamos a extensão do prazo da concessão e, inclusive, se compromete com a unidade de revitalização lá na frente. Faz parte dessa dinâmica de ir entendendo a jazida.

Temos aí aquisições sísmicas de alta resolução *notes*, com geofuros no fundo do mar e que melhora muito o imageamento da jazida, o que nos permitirá fazer a lavra otimizada no sentido de não deixar óleo sem estar lavado, posicionar esses futuros poços nas posições mais favoráveis a produzir óleo que ainda não está sendo movido na jazida pelo nosso esquema de injeção de água e injeção de gás.

Eu acho que contextualizei aí, e o FPSO cidade Angra dos Reis, apesar dessa redução da produção dele está afetado por intervenções na unidade e não diz respeito ao campo como um todo. Obrigada.

Régis Cardoso, Credit Suisse (via webcast):

Parabéns a Diretoria da Petrobras pela ótima gestão da empresa. O plano divulgado ontem consegue conciliar rigidez financeira, investimentos e retornos aos investidores.

João Henrique, o que leva à redução do CAPEX anual de US\$18 bilhões em 2024 e 2025 a US\$13 bilhões em 2027? Quais os principais riscos associados à projeção para o fim do horizonte, dado que somente parte do CAPEX está contratada, 40% em 2027 contra 90% nos primeiros anos?

João Henrique Rittershausen:

Nós não temos nenhum direcionador específico para definir o valor do CAPEX de cada ano. Nós temos os cronogramas dos projetos, os cronogramas de gastos de cada projeto. Isso é uma consequência, esses valores são uma consequência dos cronogramas de implantação. Essa diferença pode se dar por diferença de estratégia de contratação, por tipo próprio afretado, ou diferença de cronograma dos projetos.

Então, não existe um direcionamento que eu quero mais CAPEX em um ano ou no outro. Nós fazemos uma avaliação dos projetos como um todo e esse é, nós não tivemos restrição em relação a isso.

Quando existe algum empilhamento muito grande de projetos em algum ano, nós fazemos uma avaliação crítica do risco, daquele empilhamento com relação a abordagem de mercado ou recurso, mas nesse PE isso não aconteceu.

Carla Albano:

Muito obrigado, João Henrique. Obrigado a todos. Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas do Petrobras Day. Caso tenham perguntas adicionais, elas podem ser enviadas ao nosso time de relações com os investidores. Passo agora a palavra ao Rodrigo Araújo para os comentários finais. Rodrigo, por favor.

Rodrigo Araujo:

Obrigado, Carla, obrigado a todos mais uma vez pela presença de vocês hoje no nosso evento de divulgação do Plano Estratégico 23-27. Como eu falei no início, eu acho que é um plano bastante sólido, bastante robusto e qualquer informação adicional, qualquer dúvida adicional, o nosso time de relacionamento com investidores também está aqui à disposição, junto com todo o time da Diretoria, para endereçar eventuais perguntas que tenham ficado pendentes. Obrigado a todos e um excelente dia.